



FACULDADE CATÓLICA DE ANÁPOLIS
BACHARELADO EM TEOLOGIA

ANEESH PADASSERY DEVASSY

O HUMANISMO CRISTÃO NO DOCUMENTO CONCILIAR *GAUDIUM ET SPES*

ANÁPOLIS – GO
2015

ANEESH PADASSERY DEVASSY

O HUMANISMO CRISTÃO NO DOCUMENTO CONCILIAR *GAUDIUM ET SPES*

Trabalho de Conclusão Curso para a obtenção do diploma de graduação no curso de bacharelado de Teologia na disciplina TCC da Faculdade Católica de Anápolis.

Orientador: Prof. Dr. Fr. Flávio Pereira Nolêto, O.F.M.

ANÁPOLIS - GO
2015

FOLHA DE APROVAÇÃO

ANEESH PADASSERY DEVASSY

O HUMANISMO CRISÃO NO DOCUMENTO CONCILIAR *GAUDIUM ET SPES*

Trabalho de Conclusão para obtenção de diploma de graduação no Curso de Teologia da Faculdade Católica de Anápolis, apresentado em ___ de _____ de ____ e aprovado com a nota ____

BANCA EXAMINADORA

1. _____
2. _____
3. _____

AGRADECIMENTOS

A Deus pelo dom da vida e da vocação.
Ao meu Santo Anjo da Guarda por ser meu paciente companheiro.
À Ordem da Santa Cruz e a todos os irmãos por todo apoio.
À Faculdade Católica pela oportunidade deste estudo.
Ao meu orientador pela sua disponibilidade e dedicação.

RESUMO

O humanismo cristão, apresentado como tal no documento Conciliar *Gaudium et Spes* fundamenta toda sua exposição na revelação Bíblica de que o homem é *imago Dei*. *Imago Dei* é evidenciada no homem na sua natureza racional, na sua consciência, na sua liberdade e na sua vocação á comunhão. A *imago Dei* no homem é desfigurada pelo pecado. Cristo o homem perfeito restaura a imagem de Deus ferida no homem através do seu mistério Pascal. Cristo que é a imagem do Deus invisível, mostra ao homem o que é ser homem. Ser homem é ser *imago Christi*.

Palavras-chave: *Gaudium et Spes*. *Imago Dei*. *Imago Christi*. Humanismo cristão.

ABSTRACT

The Christian humanism, presented as such in the conciliar document *Gaudium et Spes* bases all its exposure in Biblical revelation that man is *imago Dei*. The *Imago Dei* is evidenced in man in his rational nature, in his consciousness, in his freedom and in his vocation to communion. The *imago Dei* in man is disfigured by sin. Christ, the perfect man restores this wound through his Pascal mystery. Christ who is the image of the invisible God shows man what is to be a man. To be a man is to be *imago Christi*.

Key words: *Gaudium et Spes*. *Imago Dei*. *Imago Christi*. Christian Humanism.

LISTA DE ABREVIACOES E SIGLAS

AG	<i>AD GENTES</i>
Apud	CITADO POR
CA	<i>CENTESSIMUS ANNUS</i>
CAT	CATECISMO DA IGREJA CATOLICA
CDSI	COMPENDIO DA DOCTRINA SOCIAL DA IGREJA
CTI	COMISSO TEOLGICA INTERNACIONAL
FC	<i>FAMILIARIS CONSORTIO</i>
GS	<i>GAUDIUM ET SPES</i>
HV	<i>HUMANAE VITAE</i>
LE	<i>LABOREM EXERCENS</i>
LG	<i>LUMEN GENTIUM</i>
MD	<i>MULIERIS DIGNITATEM</i>
n.	NUMERO
p.	PAGINA
PP	<i>POPULORUM PROGRESSIO</i>
RH	<i>REDEMPTOR HOMINIS</i>

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1. SIGNIFICADO DO HUMANISMO	9
1.1. O ALCANCE DO HUMANISMO	9
1.2. PROBLEMA DO HUMANISMO.....	9
1.3. HUMANISMO VERDADEIRO E FALSO	11
2. HOMEM, VIA DA IGREJA.	14
2.1. HOMEM, A PREOCUPAÇÃO PRIMORDIAL DA IGREJA.	14
2.2 HUMANISMO NO <i>GAUDIUM ET SPES</i>	15
2.3 HOMEM <i>IMAGO DEI</i>	17
2.4. VOCAÇÃO À COMUNHÃO.....	20
2.5. VISÃO CRISTOLOGICA DO HOMEM	21
3. A RAZÃO DE UM HUMANISMO CRISTÃO	24
3.1. A JUSTIFICATIVA DO HUMANISMO CRISTÃO	24
CONSIDERAÇÕES FINAIS	27
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	ERRO! INDICADOR NÃO DEFINIDO.28

INTRODUÇÃO

Apesar dos avanços científicos e tecnológicos, o homem continua sendo um grande enigma para ele mesmo. “O que é o homem para dele vos lembrades? Ou que é o filho do homem para que vos ocupeis com ele?” (Sl 8,5) interroga o salmista. A Igreja nunca cessou de dar seu contributo á verdade sobre o homem a partir do seu encontro fecundo com as verdades reveladas. O Concilio Vaticano II deu um novo impulso á um humanismo tão antigo e tão novo; um humanismo cristológico. Seguindo o apelo do Concilio, o papa Joao Paulo II foi um grande promotor desse humanismo através das suas inúmeras encíclicas, cartas apostólicas, catequeses e discursos.

Esse trabalho visa em descobrir e analisar o humanismo presente na Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*. O trabalho é desenvolvido em três partes. O primeiro capítulo consiste na tentativa de analisar o termo humanismo de um modo histórico e filosófico e estabelecer o significado no qual o termo é usado nesse trabalho. O segundo capítulo que é a parte principal desse trabalho faz um análise do humanismo propriamente dita do *Gaudium et spes*. Isso é feito em três momentos. No primeiro momento constatamos a verdade fundamental de que homem é *imago Dei* sobre o qual fundamenta todo humanismo desenvolvido pelo GS. No segundo momento vemos como essa *imago Dei* é realizado no homem, a saber, na sua natureza racional, na sua consciência, na liberdade e na sua vocação á comunhão. No terceiro momento expomos a relação cristológico do humanismo do GS. No terceiro capítulo detalharemos porque a Igreja tem um humanismo próprio. Ela é base de toda cultura de vida do qual a Igreja é salvaguarda.

1. SIGNIFICADO DO HUMANISMO

1.1. O ALCANCE DO HUMANISMO

O 'humanismo' é um termo complexo com significados tão opostos e vastos. Ela possui seus vertentes na historia. Na perspectiva histórica, o conceito de 'humanismo' é usado para indicar esse processo de transformação cultural que se iniciou entre finais do século XIV e começos do XV e que, no século seguinte com o nome de Renascimento regeu a vida intelectual da Europa. Era uma tentativa de resgatar os valores da cultura greco-romana. O antropocentrismo traçou o desenvolvimento intelectual, artístico e literário desta fase. O homem passa ser o centro de interesse; o homem torna-se a medida de todas as coisas. Ela é tida também como um movimento racional que teve como fim, romper a forte influencia da Igreja e do pensamento religioso da Idade Media. Os autores como Erasmo, Giordano Bruno, Nicolas de Cusa, Tomas Moro, Juan Vives, Bouille fazem entender a diversidade e extensão do humanismo histórico.

No entanto, na época atual, falou-se de humanismo não apenas para designar o movimento descrito anteriormente, mas também, ou, sobretudo, para qualificar certas tendências filosóficas, especialmente aquelas nas quais se ressalta algum ideal humano. Nesta perspectiva, pode se dizer de um humanismo liberal, socialista, existencialista, positivista e Cristã.

1.2. PROBLEMA DO HUMANISMO

O termo humanismo traz consigo o seu significado geral. Trata-se das doutrinas que se referem ao homem. Ela é tida como "[...] qualquer conjunto de princípios doutrinários referentes á origem, natureza, destino do homem" (NOGARE, 1985, p. 15). Em outras palavras podemos dizer que o humanismo diz o que o homem é. Portanto mesmo este conceito abrange a historia da toda humanidade. Pois, sempre houve quem tentou explicar quem é realmente o homem. Apesar de que o termo veio a usar pela primeira vez no século 17, a ideia remonta ás ideologias desde antiguidade. São inúmeros as concepções formuladas por filósofos, pensadores, escritores e poetas em torno do ser humano, sua identidade,

valor e função no mundo. Daí pode fazer uma pergunta legítima; qual é o humanismo de Aristóteles, Tomás de Aquino, Kant, Goethe, Mahatma Gandhi, isto é, qual é a visão que eles têm do homem. Cada época e suas correntes e sistemas filosóficas também formularam suas ideias acerca do homem. Por isso mesmo é possível perguntar; qual é o humanismo Grego, Romano e medieval.

Humanismo é um dos termos que tem um uso tão vasto. Até conjuntos de doutrinas que divergem para dois extremos possuem o mesmo título de humanismo. Assim o termo se tornou um pouco vago sem saber o que realmente ela significa.

Ela se tornou como que um condimento para tornar apetitosas as iguarias culturais proveniente das mais diversas partes. Por isso foi muito usada. Por isso ficou muito vaga; tanto que hoje humanismo pode aplicar-se a quase todas as ideologias modernas e contemporâneas (NOGARE, 1985, p.15).

O homem sempre foi o objeto preferível do pensamento dos filósofos e correntes e sistemas filosóficos, pois, o homem é um oceano profundo de mistérios. O próprio homem que tem desejo profundo de conhecer a si mesmo, não deixou de interrogar sobre si mesmo ao longo dos séculos. O homem sempre fez questões fundamentais sobre sua existência, como próprio documento *Fides et Ratio* assinala:

Alias, basta um simples olhar pela historia antiga par ver com toda a clareza como surgiram simultaneamente, em diversas partes da terra animadas por culturas diferentes às questões fundamentais que caracterizam o percurso da existência humana: Quem sou eu? Donde venho e para onde vou? Porque existe o mal? O que é que existirá depois desta vida? Estas perguntas encontram-se nos escritos sagrados de Israel, mas aparecem também nos Vedas e no Avesta; achamo-los tanto nos escritos de Confúcio e Lão-Tze, como na pregação de Tirtankara e de Buda: assomam ainda quer nos poemas de Homero e nas tragédias de Eurípides e Sófocles, quer nos tratados filosóficos de Platão e Aristóteles (JOÃO PAULO II, 1998, n.1).

Diante de uma necessidade tão profunda do homem, correntes e sistemas filosóficos não podiam deixar de dar seu contributo, explicando o que o homem é. Por isso mesmo falar do homem tornou-se uma moda. Portanto o termo humanismo é tão apetitoso. “Na atualidade quase não existe corrente filosófica que não queira passar por humanismo, ou que não queira, ao menos, reivindicar para si também este título” (PFEIL, 1962, p.7). Assim o termo humanismo se tornou algo muito vago. Parece que, quem diz algo sobre homem, recebe o título de humanista. Diante desses fatos é legítimo perguntar se todos os que escreveram ou falaram sobre o homem merecem ser chamados de humanistas.

1.3. HUMANISMO VERDADEIRO E FALSO

Diante de uma exuberância dos humanismos, cada um com sua concepção e suas reivindicações para o homem, até opostas, surge a pergunta se todos eles são humanismos verdadeiros. Esta designação é adotada até,

[...] por correntes que desconhecem o homem a ponto de negar-lhe qualquer possibilidade de relações transcendentais, tomando-o como ser puramente natural. Outros pensadores, querendo também passar por humanistas, negam ao homem até a faculdade de um conhecimento espiritual e do livre arbítrio, mesmo negando um 'eu' constante e idêntico no percurso da vida (NOGARE, 1985, p. 8).

Há um critério geral que podemos aplicar á qualquer conjunto de doutrinas ou ciências, para saber se ela é verdadeira ou falsa. Refere-se ao caráter positivo de uma doutrina. Uma doutrina na sua essência é para ser seguida; para isso ela deve visar o bem ou produzir um bem. Se ela não o faz, nem merece ser chamada de doutrina, alias uma doutrina verdadeira. Cada conjunto de doutrina deve visar o bem do seu objeto, exalta-la e dignifica-la. Se um determinado conjunto de doutrinas reduz o seu objeto daquilo que objetivamente ela é, este conjunto não é uma verdadeira doutrina. Baseando neste critério podemos fazer os seguintes raciocínios; o humanismo é conjunto de doutrina que tem como objeto o homem. Aplicando este critério do discernimento do verdadeiro do falso, podemos afirmar que o humanismo verdadeiro é aquele conjunto de doutrinas que visa o bem do homem, dignifica-o e exalta seus valores; que não reduz o homem á um nível baixo daquilo que objetivamente ele é. Há doutrinas que consideram o homem como meramente um animal ou como aglomeração dos instintos, os que negam faculdades cognoscitivas do homem, por conseguinte sua natureza racional.

Na realidade o homem é um conjunto de realidades complexas, compostas de corpo e alma. Racionalidade é o que há mais sublime no homem e pelo qual é distinguido do animal. Ao falar dos problemas do humanismo, o grande filosofo Jaques Maritain fala da natureza espiritual do homem apoiando na autoridade de Aristóteles; "Propor somente o humano ao homem é trair o homem e desejar sua infelicidade, porquanto pela sua parte principal, que é espírito o homem é solicitado para melhor do que uma vida puramente humana" (MARITAIN, 1941, p.1). Nenhum humanismo pode deixar de considerar o homem na sua dimensão racional. "É humanista, filosoficamente, toda doutrina que atribui ao homem algo de

característico, de específico em relação aos outros seres do universo” (NOGARE, 1985, p. 16). Qualquer conjunto de doutrina se torna realmente verdadeiro humanismo, enquanto ela admite e valoriza a natureza espiritual do homem. Uma vez que a dignidade humana reside na sua racionalidade, admiti-la, valoriza-la e assumir as consequências desta posição é o modo de exaltar e dignificar o homem. A resposta á questionamento, se um humanismo é verdadeiro ou é falso, depende inteiramente da concepção que faz do homem. “[...] se existe ou não no homem alguma coisa que respire acima do tempo, e uma personalidade cujas necessidades mais profundas ultrapassam toda a ordem do universo [...]” (MARITAIN, 1941, p. 2).

[...] uma doutrina e sobretudo uma determinada situação histórica podem ser qualificadas de humanistas só na medida em que, reconhecendo o homem como um ser de longe superior a todos os outros seres, nele veem o objetivo e meta de todas as atividades e de todas as instituições, no sentido de possibilitar-lhe a realização mais plena e perfeita possível de sua humanidade e personalidade [...] (NOGARE, 1985, p. 20).

É muito claro e obvio para nos que o humanismo cristão encaixa na categoria do verdadeiro humanismo. No entanto, não se pode reivindicar o adjetivo verdadeiro só para o humanismo que cai na categoria Cristã. Houve humanismos como Grego e Romano que exaltavam o homem, sobretudo os valores de beleza, força, harmonia, virtude e heroísmo. Estes humanismos não são cristãos e só por ela não ser cristão não pode afirmar que são falsos. Pois, estes humanismos realçam alguma verdade sobre o homem, dignifica-o, exalta-o, dando ênfase a um aspecto do homem. Eles não reduzem o homem daquilo que objetivamente ele é. Portanto mesmo eles são humanismos verdadeiros. O erro entra em qualquer doutrina quando tem exclusivismo. Se analisarmos bem alguns erros, podemos descobrir alguns fatos interessantes. Geralmente podemos descobrir alguma verdade num erro; o que torna uma afirmação um erro é exclusão de outra verdade. Por exemplo: é verdade afirmar que o homem é animal, mas se nega ao mesmo tempo em que ele é racional, daí tem exclusão de uma verdade, por conseguinte aquilo torna erro. Assim o humanismo Grego e Romano continuam sendo verdadeiros, enquanto eles valorizam alguma verdade sobre o homem e não excluem demais verdades sobre o homem. Há inúmeros humanismos validos e verdadeiros que consideram certos aspectos positivo do homem. Exatamente aqui é que o humanismo cristão traz sua novidade. A característica específica dela que a distingue dos inúmeros humanismos é; ela não toma o homem a partir de uma visão exclusiva, mas toma-o na sua

totalidade. Tomando o homem na sua integridade a Igreja quer dá-lo todo o respeito e dignidade que ele merece.

2. HOMEM, VIA DA IGREJA.

2.1. HOMEM, A PREOCUPAÇÃO PRIMORDIAL DA IGREJA.

A razão da existência da Igreja é o homem. Pois a Igreja é como sacramento universal da salvação (LG 48, 1).

A Igreja, enquanto ela mesma ajuda o mundo e dele recebe muitas coisas, tende a um só fim: que venha o reino de Deus e seja instaurada a salvação de toda a humanidade. Todo o bem que o Povo de Deus, no tempo de sua peregrinação terrestre, pode prestar a família dos homens, deriva de fato de ser a Igreja o sacramento universal da salvação, manifestando e ao mesmo tempo operando o mistério de amor de Deus para com o homem (GS 45, 1).

Portanto mesmo, com muita justiça, a Igreja “[...] é como que o fermento e a alma da sociedade humana [...]” (GS 40, 2).

A Igreja sempre se sentiu interpelada a dar respostas sobre indagações pertinentes sobre o homem, suas aspirações, seu lugar nessa sociedade e seu fim. Na sua amorosa solicitude pela sorte da humanidade, a Igreja sempre com sua doutrina social tentou “[...] oferecer um contributo da verdade á questão do lugar do homem na natureza e na sociedade [...]” (CDSI 14). Pois,

Em nossos dias, arrebatado pela admiração das próprias descobertas e do próprio poder, o gênero humano frequentemente debate os problemas angustiantes sobre a evolução moderna do mundo, sobre o lugar e função do homem no universo inteiro, sobre o sentido de seu esforço individual e coletivo e, em conclusão, sobre o fim último das coisas e do homem (GS 3, 1).

O humanismo cristão é “[...] fruto da Revelação do amor que Deus tem para com a pessoa humana” (CDSI 9). Sendo depositário dessa revelação, “esforça-se a Igreja por anunciar o Evangelho a todos os homens” (AG 1). A Igreja encontra suas respostas sabias no fecundo encontro do Evangelho com os problemas que o homem depara no seu caminho histórico.

A Igreja é ‘perita em humanidade’ como diz Papa Paulo VI. É uma feliz nomenclatura que revela a importância da Igreja para a humanidade. A Igreja não é alheia aos problemas da humanidade. Ela sempre se posicionou diante das perguntas mais difíceis; orientou o povo de Deus com suas palavras sábias. A quantidade dos documentos relacionado ás questões sociais diz em voz alta a preocupação da Igreja com o homem. O homem é o caminho da igreja como afirma Papa João Paulo II na sua encíclica *Centesimus Annum*. Toda a riqueza doutrinal da Igreja tem como horizonte o homem. O único objetivo da Igreja é o cuidado e a

responsabilidade pelo homem, a ela confiado pelo próprio Cristo (n.53) Pois o homem é a única criatura que Deus quis por si mesma (GS 24, 3). A Igreja na sua solicitude pela verdade, como a Mãe e Mestre, tende a promover o desenvolvimento integral do homem (CV 11).

Ela busca o desenvolvimento humano integral, que é “o desenvolvimento do homem todo e de todos os homens” (PP, 42; CV, 8). Com sua doutrina social, a Igreja não quer impor-se à sociedade, mas sim fornecer critérios de discernimento para a orientação e formação das consciências. Nesta perspectiva, a doutrina social cumpre uma função de anúncio de uma visão global do homem e da humanidade, e também de denúncia do pecado de injustiça e de violência que de vários modos atravessa a sociedade (CDSI 81).

Para a doutrina social da Igreja, o objetivo último de toda ação social é o desenvolvimento humano integral, ou seja, permitir que o desenvolvimento de todas as dimensões da pessoa - material, afetivo, social, espiritual - chegue igualmente a todos na sociedade. A função da doutrina social é o anúncio de uma visão global do homem e da humanidade. “O homem, tomado na sua concretude histórica, representa o coração e a alma do ensinamento social católico” (CDSI 107).

A Igreja não pensa em primeiro lugar no Estado, no partido ou no grupo étnico. Pensa na pessoa como ser único e irrepitível, criado à imagem de Deus. Uma sociedade só será justa se souber respeitar a dignidade de cada pessoa. “Portanto, a ordem social e o progresso devem ordenar-se segundo o bem das pessoas, pois a organização das coisas deve subordinar-se à ordem das pessoas e não o contrário” (GS, 26, 3). Papa Joao Paulo II delineia na sua primeira encíclica *Redemptor Hominis*, a via que a Igreja sempre toma;

O homem, na plena verdade da sua existência, do seu ser pessoal e, ao mesmo tempo, do seu ser comunitário e social - no âmbito da própria família, no âmbito de sociedades e de contextos bem diversos, no âmbito da própria nação, ou povo (e, talvez, ainda somente do clã ou da tribo), enfim no âmbito de toda a humanidade - este homem é o primeiro caminho que a Igreja deve percorrer no cumprimento da sua missão: ele é a primeira e fundamental via da Igreja via traçada pelo próprio Cristo e via que imutavelmente conduz através do mistério da Encarnação e da Redenção (RH 14).

2.2 HUMANISMO NO *GAUDIUM ET SPES*

A grande Constituição Pastoral sobre a Igreja no Mundo Contemporâneo foi

promulgada pelo Papa Paulo VI no encerramento dos trabalhos conciliares, em 7 de dezembro de 1965, quase que como uma coroa para o Vaticano II. A ideia desse documento surgiu no final da I Sessão (1962), num discurso do Cardeal Suenens em 4 de dezembro de 1962. Estabelecida uma Comissão Mista para a elaboração de um esquema, o assunto foi debatido durante a III Sessão em 1964; seguiram-se novos estudos e redações, até que o texto final foi votado em 7 de dezembro de 1965, quando, sobre 2.391 votantes, o documento recebeu a aprovação de 2.309 padres conciliares, contra apenas 75 votos negativos e 7 votos nulos.

Na mensagem de Natal do mesmo ano, o Papa Paulo VI assim se referia ao documento:

O encontro da Igreja com o mundo atual foi descrito em páginas admiráveis na última Constituição do Concílio. Toda pessoa inteligente, toda alma honrada deve conhecer essas páginas. Elas levam, sim, de novo a Igreja ao meio da vida contemporânea, mas não para dominar a sociedade, nem para dificultar o autônomo e honesto desenvolvimento de sua atividade, mas para iluminá-la, para sustentá-la e consolá-la. Essas páginas, assim o pensamos, assinalam o ponto de encontro entre Cristo e o homem moderno e constituem a mensagem de Natal deste ano de graça ao mundo contemporâneo (KLOPPENBURG, 1975, p. 142).

Todo ser humano encontra espaço na *Gaudium et Spes*. Papa Paulo VI um dos arquitetos do Concílio Vaticano II afirma com categoria o humanismo que o GS promove;

Com efeito, um imenso amor para com os homens penetrou totalmente o Concílio. A descoberta e a consideração renovada das necessidades humanas, que são tanto mais molestas quanto mais se levanta o filho desta terra, absorveram toda a atenção deste Concílio. Vós, humanistas do nosso tempo, que negais as verdades transcendentais, dai ao Concílio ao menos este louvor e reconhecei este nosso humanismo novo: também nós, e nós mais do que ninguém, somos cultores do homem (p. 142).

A Igreja no século XX tem respondido com maior sensibilidade para a dimensão humanística da teologia. Isso não aconteceu por acaso. Filósofos e teólogos particulares deram valiosas contribuições para esta empresa que encontrou expressão nos documentos do Vaticano II, especialmente na Constituição pastoral sobre a Igreja no mundo contemporâneo *Gaudium et Spes*, e no decreto sobre a liberdade religiosa, *Dignitatis Humanae*.

O Vaticano II foi o primeiro concílio da Igreja para afirmar uma antropologia cristã detalhada. A necessidade de fazer isso surgiu como uma resposta à concepção materialista do homem, que tem dominado grande parte do século XX. Tudo o que é verdadeiramente humano se encontra espaço no coração da Igreja,

pois, “as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angustias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos os que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angustias dos discípulos de Cristo” (GS 1).

O documento consta de duas partes e de um proêmio e conclusão. A primeira parte da *Gaudium et Spes*, a Constituição Pastoral sobre a Igreja no Mundo Moderno, dá uma breve mas completa declaração da doutrina cristã sobre o homem.

2.3 HOMEM *IMAGO DEI*

O Concílio Vaticano II, na *Gaudium et spes* 12, volta para a fonte da revelação bíblica para uma compreensão cristã da natureza da pessoa humana. Perante as explicações variadas e contrárias sobre o que é o homem, a Igreja encontra suas respostas sobre a verdadeira condição sobre o homem na revelação de Deus. É clássico o humanismo do primeiro capítulo:

As Sagradas Escrituras ensinam que o homem foi criado à imagem de Deus, capaz de conhecer e amar seu Criador, que o constituiu senhor de todas as coisas terrenas para que as dominasse e usasse, glorificando a Deus. O que é o homem para dele vos lembrardes? Ou que é o filho do homem para que vos ocupeis com ele? Entretanto, vos o fizestes pouco inferior aos anjos, coroando-o de honra e glória. Destes-lhe o poder sobre as obras de vossas mãos, vos lhe submetestes toda criação (Sl8, 5-7) (GS 12).

O homem é a imagem de Deus; esta é a verdade fundamental sobre a pessoa humana e o ponto de partida de toda reflexão posterior sobre ele. Apartir do Concílio Vaticano II (1962-65), a doutrina da *Imago Dei* teve uma relevância sempre maior no ensinamento do Magistério e na pesquisa teológica. Foi através da Constituição *Gaudium et Spes* sobre a Igreja no mundo de hoje que a teologia da *Imago Dei* ganhou um novo impulso na teologia.

Com algumas raras exceções, a maior parte dos exegetas contemporâneos reconhece a centralidade do tema da *imago Dei* na revelação bíblica (cf. Gn 1,26-27; 5,1-3; 9,6). Este tema é visto como a chave para uma compreensão bíblica da natureza humana e para todas as afirmações de antropologia bíblica tanto no Antigo como no Novo Testamento. Segundo a Bíblia, a *imago Dei* constitui quase uma definição do ser humano: não é possível compreender o mistério do ser humano separado do mistério de Deus (CTI 7).

Evocando o tema da imagem de Deus, na *Gaudium et spes*, o Vaticano II afirma o que é o homem a partir dos ensinamentos em Genesis 1,26 e no Salmo 8,6 (GS 12, 3). A dignidade original do ser humano é justamente a de ser criado à imagem e semelhança de Deus. A primeira implicação de que o homem é imagem e

semelhança de Deus é que o homem é *Capax Dei*. “De todas as criaturas visíveis, só o homem é capaz de conhecer e amar seu Criador” (CAT 356). Essa orientação existencial para Deus é marca do homem descrito pelo GS.

O desejo de Deus está inscrito no coração do homem, já que o homem é criado por Deus e para Deus; e Deus não cessa de atrair o homem a si, e somente em Deus o homem há de encontrar a verdade e a felicidade que não cessa de procurar (CAT 27).

O grande santo Agostinho, doutor da Igreja exprime essa realidade magistralmente nas Confissões:

Vos sois grande, Senhor, e altamente digno de louvor: grande é o vosso poder, e a vossa sabedoria não tem medida. E o homem, pequena parcela de vossa criação, pretende louvar-vos, precisamente o homem que, revestido da sua condição mortal, traz em si o testemunho do seu pecado e de que resistis aos soberbos. A despeito de tudo, o homem, pequena parcela de vossa criação, quer louvar-vos. Vós mesmo incitais a isto, fazendo com que ele encontre suas delícias no vosso louvor, porque nos fizestes para vos e o nosso coração não descansa enquanto não repousar em vós (AGOSTINHO, apud CAT 30).

Essa capacidade exclusiva que o homem tem de conhecer e amar a Deus só se explica através da composição da alma e corpo. O homem é uma unidade substancial do corpo e alma. “Corpo e alma, mas realmente uno, o homem, por sua própria condição corporal, sintetiza em si os elementos do mundo material, que nele assim atinge sua plenitude e apresenta livremente ao Criador uma voz de louvor” (GS 14, 1). O intelecto e a vontade que são as faculdades da alma distingue o homem das demais criaturas; faz ele capaz de conhecer e amar. Homem é dotado de “alma espiritual e imortal” (GS 14, 2) como afirma GS.

A pessoa humana participa da luz e da força do Espírito divino. Pela razão, é capaz de compreender a ordem das coisas estabelecida pelo Criador. Pela vontade, é capaz de se orientar a si própria para o bem verdadeiro (CAT 1704).

Segundo GS, toda dignidade da pessoa humana baseia-se na verdade de que ele é criado na imagem e semelhança de Deus, ou seja, ele por ser dotado de inteligência.

O homem não se engana quando se reconhece superior aos elementos materiais, e não se considera somente uma partícula da natureza ou um elemento anônimo da cidade humana. Com efeito, por sua vida interior, o homem excede a universalidade das coisas (GS 14, 2).

O homem não pode ser tratado como coisas, pois, ele é a “única criatura na terra que Deus quis por si mesma” (GS 15, 2). “Por ser à imagem de Deus o indivíduo humano tem a dignidade de pessoa: ele não é apenas uma coisa, mas alguém” (CAT 357). O concílio defende a inteligência humana como a marca de

imagem de Deus no homem. “Participando da luz da inteligência divina, com razão o homem julga superior, por sua inteligência áuniversalidade das coisas” (GS 15, 1). Portanto mesmo, a Igreja promove os avanços na área de ciências e tecnologias, pois, o exercício diligente da inteligência é reconhecimento da imagem de Deus no homem.

Portanto, bem longe de julgar que as obras produzidas pelo talento e energia dos homens se opõem ao poder de Deus e de considerar a criatura racional em competição com o Criador, os cristãos estão antes convencidos de que as vitórias do gênero humano são um sinal da magnitude de Deus e fruto de seu inefável desígnio (GS 34, 3).

Segundo o documento, a imagem de Deus se revela de um modo único e particular na consciência moral dos homens. “De fato o homem tem uma lei escrita por Deus em seu coração” (GS 16). O animal não possui a consciência. Consciência é a implicação mais direta de homem possuir uma alma racional. “A consciência é o núcleo secretíssimo e o sacrário do homem onde ele esta sozinho com Deus e onde ressoa sua voz” (GS 16).

Outra indicação poderosa da imagem de Deus no homem, segundo GS é a liberdade do homem. Homem é a única criatura que consegue agir com livre e espontânea vontade. Pois, ele é dotado de liberdade.

A verdadeira liberdade porem é um sinal eminente da imagem de Deus no homem. Pois Deus quis deixar ao homem o poder de decidir para que assim procure espontaneamente o seu Criador, a Ele adira livremente e chegue á perfeição plena e feliz (GS 17).

Sua alma racional, dotado de inteligência e vontade é a razão pelo qual o homem é livre. “Deus criou o homem racional, conferindo-lhe a dignidade de pessoa dotada de iniciativa e do domínio dos seus próprios atos” (CAT 1730).

A Igreja condena todas as ideologias que tentam desvirtuar o homem da sua grandeza inata de ser imagem e semelhança de Deus pela sua racionalidade, consciência moral e liberdade. É justamente por isso que GS condena o ateísmo vigorosamente.

Fiel quer a Deus e quer aos homens, a Igreja não pode deixar de reprovar dolorosamente, com toda a firmeza, como reprovou ate agora, aquelas doutrinas e atividades perniciosas que contradizem á razão e áexperiência humana universal e privam o homem de sua grandeza inata (GS 21, 1).

Na certeza fundada na revelação da dignidade da pessoa humana que é imagem e semelhança de Deus, GS promove respeito para com a pessoa humana. Ela condena tudo o que viola a integridade da pessoa humana; tudo o que ofende a

dignidade humana; tudo o que reduz os homens a meros instrumentos de lucro (GS 27, 2).

2.4. VOCAÇÃO À COMUNHÃO

Ser criado à imagem e semelhança de Deus abre um novo horizonte para o homem. Isso acarreta em ser profundamente relacional. Pois, Deus é comunhão. O homem é chamado a viver uma vida de comunhão com Deus, com o próximo e as criaturas.

Deus colocou os dois primeiros seres humanos em relação um com o outro, cada um com um parceiro do outro sexo. Afirma a Bíblia que o ser humano existe em relação com outras pessoas, com Deus, com o mundo e consigo mesmo. De acordo com este conceito, o ser humano não é um indivíduo isolado, mas pessoa: um ser essencialmente relacional (CTI 10).

GS afirma essa vocação relacional do homem na seguinte forma;

Deus não criou o homem solitário. Desde o início, 'Deus os criou varão e mulher' (Gn 1,27). Esta união constituiu a primeira forma de comunhão de pessoas. O homem é, com efeito, por sua natureza íntima, um ser social. Sem relações com os outros, não pode nem viver nem desenvolver seus dotes (GS 12, 4).

O fundamento último da dignidade humana, de acordo com o conselho, é a vocação da humanidade para a comunhão com Deus, um convite dado a homem desde sua origem (GS 19).

Criados à imagem de Deus, os seres humanos são por natureza corpóreos e espirituais, homens e mulheres feitos uns para os outros, pessoas orientadas para a comunhão com Deus e recíproca, feridos pelo pecado e carentes de salvação, e destinados a serem conformados a Cristo, imagem perfeita do Pai, no poder do Espírito Santo (CTI 25).

Comunhão é o plano de Deus para o povo de Deus que Ele escolheu para formarem uma família. Em prol dessa vocação à comunhão, o concílio coloca a pessoa humana como o princípio, sujeito e fim de todas as instituições sociais (GS 25). É nessa perspectiva da vocação do homem à comunhão devido a sua criação à imagem e semelhança de Deus que devemos ler e entender o tema do matrimônio e da família. O matrimônio e a família são lugares privilegiados de viver a comunhão e assim ser imagem de comunhão de Deus Uno e Trino. "A comunhão de amor entre Deus e os homens, conteúdo fundamental da Revelação e da experiência de fé de Israel, encontra uma sua significativa expressão na aliança nupcial, que se instaura entre o homem e a mulher" (FC12).

No matrimônio e na família constitui-se um complexo de relações interpessoais - vida conjugal, paternidade-maternidade, filiação, fraternidade

- mediante as quais cada pessoa humana é introduzida na 'família humana' e na 'família de Deus' que é a Igreja (FC 15).

Homem realiza essa vocação a comunhão pelo amor. “Ser pessoa á imagem e semelhança de Deus comporta [...] um existir em relação, em referencia ao outro ‘eu’” (MD 7), porque Deus mesmo, uno e trino, é comunhão do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Por isso o concilio diz, o homem “não pode se encontrar plenamente se não por um dom sincero de si mesmo” (GS 24, 3).

Se é indubitavelmente verdade que a união entre os seres humanos pode efetuar-se de muitos modos, a teologia católica hoje assevera que o matrimônio constitui uma forma elevada de comunhão entre as pessoas humanas e uma das maiores analogias da vida trinitária. Quando um homem e uma mulher unem seu corpo e seu espírito em atitude de total abertura e doação de si, formam uma nova imagem de Deus. A união deles em uma só carne não atende simplesmente a uma necessidade biológica, mas à intenção do Criador que os leva a compartilhar a felicidade de serem criados à sua imagem (CTI 39).

2.5. VISÃO CRISTOLÓGICA DO HOMEM

O Concilio não podia deixar de mencionar a realidade do pecado ao falar do homem, pois, é uma realidade no qual homem mergulhou desde as suas origens.

Constituído por Deus em estado de justiça, o homem contudo, instigado pelo Maligno, desde o inicio da historia abusou da própria liberdade. Levantou-se contra Deus desejando atingir seu fim fora dele. Apesar de conhecerem a Deus, não o glorificaram como Deus (GS 13, 1).

E o pecado traz consigo consequências existências para o homem. “Recusando muitas vezes a reconhecer Deus como seu principio, o homem destruiu a devida ordem em relação ao fim ultimo, e com os outros homens e as coisas criadas” (GS 13, 1). O pecado prejudica sua vocação á comunhão. “O pecado porem diminuiu o próprio homem, impedindo-o de conseguir a plenitude” (GS 13, 2) diz o Concilio. “Na perspectiva da *imago Dei*, que na sua estrutura ontológica é essencialmente dialógica ou relacional, o pecado – como ruptura da relação com Deus – desfigura a *imago Dei*” (CTI 45).

A pessoa de Cristo é o ponto culminante da toda exposição do humanismo do GS. Cristo é o homem perfeito, em quem a natureza humana foi assumida, e não destruída, e por isso em nos elevada a sublime dignidade. “Imagem de Deus invisível (Col 1,15), Ele é o homem perfeito, que restituiu aos filhos de Adão a semelhança divina, deformada desde o primeiro pecado” (GS 22, 2). Dai a relação entre Adão e Cristo, o homem velho e o homem novo. O homem velho manchado pelo pecado é restituído pelo o novo Adão, Cristo. Toda economia da salvaçã-

paixão, morte, ressurreição e ascensão – deve ser compreendida nessa perspectiva da restauração da imagem de Deus, desfigurada no homem, através de Cristo.

Compreendida nesta perspectiva da teologia da imago Dei, a salvação comporta a restauração da imagem de Deus por Cristo, imagem perfeita do Pai. Obtendo a nossa salvação através de sua Paixão, Morte e Ressurreição, Cristo nos conforma a si mesmo através de nossa participação no mistério pascal e restaura assim a imago Dei em sua correta orientação para a bem-aventurada comunhão da vida trinitária (CTI 47).

Papa João Paulo II expressou essa verdade da restauração da imagem de Deus através da redenção na sua encíclica *Redemptor Hominis*;

Redentor do mundo! N'Ele se revelou de um modo novo, de maneira admirável, aquela verdade fundamental respeitante à criação que o Livro do Génesis atesta quando repete mais de uma vez: Deus viu que as coisas eram boas. O bem tem a sua nascente na Sapiência e no Amor. Em Jesus Cristo, o mundo visível, criado por Deus para o homem- aquele mundo que, entrando nele o pecado, foi submetido à caducidade - readquire novamente o vínculo originário com a mesma fonte divina da Sapiência e do Amor. Com efeito, 'Deus amou tanto o mundo que lhe deu o seu Filho unigénito'. Assim como no homem-Adão este vínculo foi quebrado, assim no Homem-Cristo foi de novo reatado (RH 8).

“[...] Cristo manifesta plenamente o homem ao próprio homem e descobre sua altíssima vocação” (GS 22, 1). Diz o teólogo Alemão Karl Rahner (1989, p. 268.):

O homem é a pergunta radical por Deus que, criada como tal por Deus, pode também ter resposta, resposta que, enquanto historicamente manifestada e radicalmente tangível, é o homem-Deus, e que em nos todos é respondida pelo próprio Deus.

Cristo é o homem por excelência. Cristo é a resposta às interrogativas mais profundas do ser humano; nele se encontram a chave, o centro e o fim de toda a história.

Ora, somente Deus, que criou o homem à sua imagem e o remiu do pecado, oferece uma resposta satisfatória a estas questões. Realiza isso pela revelação em seu Filho, que Se fez homem. Todo aquele que segue Cristo, o Homem perfeito, torna-se ele também mais homem (GS 41, 1).

Cristo sendo “imagem de Deus invisível” (Col 1,15) mostra ao homem a sua vocação de ser imagem de Deus. Cristo é a máxima possibilidade para o ser humano; homem é chamado a ser *Alter Christus*. Esse humanismo cristocêntrico é a marca do Concílio Vaticano II e do Papa João Paulo II. Segundo essa visão, a pessoa humana é criada à imagem de Deus a fim de transformar à imagem de Cristo. “Todas as coisas foram criadas por ele e em vista dele” (Cl 1,16).

Deve-se procurar as origens do homem em Cristo: ‘foi criado por ele e em vista dele’ (Cl 1,16); ‘o Verbo [que é] a vida [...] e a luz que ilumina todo homem e vem ao mundo’ (Jo 1,3-4.9). Se é verdade que o ser humano foi criado exnihilo, também se pode afirmar que é criado da plenitude (explenitudine) do próprio Cristo, que é ao mesmo tempo Criador, Mediador

e fim do homem. O Pai nos destinou a sermos seus filhos e filhas e a 'sermos conformes à imagem do Seu Filho, para que ele seja o primogênito entre muitos irmãos' (Rm 8,29) (CTI 53).

“O humanismo cristão se entende só pela relação a Cristo, o Deus-Homem [...]”
(NOGARE, 1985, p. 43).

3. A RAZÃO DE UM HUMANISMO CRISTÃO

3.1. A JUSTIFICATIVA DO HUMANISMO CRISTÃO

A noção da ‘pessoa’ humana tem uma dimensão ética. Em outras palavras a concepção do que o homem é, produz exigências éticas das quais ela é princípio, fonte, fim e norma. A Igreja ‘perita em humanidade’ (PP 13) sempre se recorre à ideia da natureza, direitos naturais e condição natural como requisitos criados por Deus a serem compreendidos e salvaguardados. Todo pronunciamento moral da Igreja fundamenta-se no respeito pelo ser humano e por sua natureza original, criada por Deus, e a concepção do homem como conjunto indivisível de alma e corpo. Promover “uma ecologia do ser humano” (BENTO XVI, 2012) só é possível pela concepção certa da natureza do homem. E a Igreja não cansa de defender com máxima clareza os valores fundamentais, constitutivos e não negociáveis da existência humana para lhe garantir o justo modo de ser pessoa humana.

“Negando a perspectiva espiritual do homem, negamos a identidade do ser humano como conjunto de alma e corpo e contestamos a própria raiz da natureza humana” (Bento XVI, 2012). Salvaguardando a verdadeira natureza do homem, a igreja “técnica em humanidade” (PAULO VI, 1965), pretende lutar pelo homem e pelo que significa ser pessoa humana. O homem não pode ser considerado apenas como um animal, pois isso terá consequências terríveis especialmente no campo de moral. A Igreja partindo desse princípio filosófico sustenta uma visão teológica do homem que a luz da fé que lhe dá. Pois a cultura do humano, de que ela se faz garante, nasceu e desenvolveu-se a partir do encontro entre a revelação de Deus e a existência humana (Bento XVI, 2012). A igreja pensa no homem a partir do verdadeiro Homem que é Cristo. “Na realidade o mistério do homem só torna claro verdadeiramente no mistério do verbo encarnado” (GS 22). Uma visão do homem a partir de Cristo é a chave que desvenda toda moral cristã católica. Como papa João Paulo II assinala na sua encíclica *Veritatis Splendor* (n. 95):

Em obediência a verdade que é Cristo, cuja imagem se reflete na natureza e na dignidade da pessoa humana, a Igreja interpreta a norma moral e propõe-na a todos os homens de boa vontade, sem esconder as suas exigências de radicalidade e de perfeição.

A partir dessa perspectiva cristocêntrica, a Igreja vê que o homem tem uma vocação sublime por ser imagem e semelhança de Deus e que toda sua dignidade baseia-se nisso. Ser pessoa se resume na vocação ao qual o homem é chamado. O homem é pessoa porque é feito à imagem de Deus (LE 6). A igreja tem isso na mente quando seus princípios morais são formulados. Pois,

[...] como foi confiado a Igreja manifestar o mistério de Deus, deste Deus que é o fim último do homem, ao mesmo tempo revela ao homem o sentido de sua própria existência, a saber, a verdade essencial a respeito do homem (GS 41, 1).

Nesta perspectiva a Igreja sabe que o indivíduo humano tem dignidade da pessoa; há uma dimensão teológica nele, negar isso é negar a sua natureza. “Onde Deus é negado, dissolve-se também a dignidade do homem. Quem defende Deus, defende o homem” (Bento XVI, 2012). A natureza é, no agente, a norma dos seus atos. Ora quando o homem não é reconhecido na sua verdadeira natureza, as realidades naturais e divinas como família também se dissolve. É oportuno lembrar o que o Papa Paulo VI fala a respeito;

O problema da natalidade, como de resto qualquer outro problema que diga a respeito à vida humana, deve ser considerado numa perspectiva que transcenda as vistas parciais – sejam elas de ordem biológica, psicológica, demográfica ou sociológica – à luz da visão integral do homem e da sua vocação, não só natural e térrea, mas também sobrenatural e eterna (HV 7).

O que ameaça o matrimônio ou família é a falsa concepção do homem que está sendo semeado pelas diversas ideologias. Quando o homem não é concebido na sua integridade, a instituição natural da família se desfaz. Todas as filosofias que atacam a sociedade familiar tiram tudo que é próprio da natureza humana, a saber, sua natureza racional e sua vocação à comunhão. Portanto é preciso assegurar a verdadeira natureza racional, social e espiritual do homem para salvaguardar o santuário da família. A necessidade de promover um humanismo integral é tão urgente que Paulo VI na encíclica *Populorum Progressio* (n. 42) sobre a doutrina social diz:

É necessário promover um humanismo total. Que vem a ser ele senão o desenvolvimento integral do homem todo e de todos os homens? Poderia aparentemente triunfar um humanismo limitado, fechado aos valores do espírito de Deus, fonte do verdadeiro humanismo. O homem pode organizar a terra sem Deus, mas ‘sem Deus só a pode organizar contra o homem. Humanismo exclusivo é humanismo desumano’. Não ha, portanto, verdadeiro humanismo senão aberto ao Absoluto, reconhecendo uma vocação que exprime a ideia exata do que é a vida humana. O homem, longe de ser a norma última dos valores, só se pode realizar a si mesmo ultrapassando-se. Segundo a frase tão exata de Pascal: ‘o homem ultrapassa infinitamente o homem’.

A família é o espaço divino onde cultiva a verdadeira natureza humana. Dado que o homem por natureza é um animal social e que a família é a expressão específica mais fundamental de tal sociabilidade, alterando-se ou corrompendo-se aquilo que é naturalmente a família, é o homem, na sua essência naturalmente social e na sua mesma vida, a ser atingido. Em sua carta às famílias, por ocasião do Ano da Família, João Paulo II (1994, 4) afirma: “com a família está ligada a genealogia de cada homem: a genealogia da pessoa”. O ataque à forma autêntica da família constituída por pai, mãe e filho, atinge uma dimensão mais profunda do ser homem. O que está em jogo é a visão do próprio ser, do que significa realmente ser homem (Bento XVI, 2012). A vida humana, matrimônio e família são colocados em perigo pela ‘cultura da morte’; uma cultura que substituí a alma espiritual que “[...] ha mais íntimo no homem e o que ha nele de maior valor, aquilo que mais particularmente o faz ser imagem de Deus” (Cat 363), pela sexualidade, comum ao homem e aos outros animais.

O homem é o caminho da igreja como afirma Papa João Paulo II na sua encíclica *Centesimus Annum*. Toda a riqueza doutrinal da Igreja tem como horizonte o homem. O único objetivo da Igreja é o cuidado e a responsabilidade pelo homem, a Ela confiado pelo próprio Cristo (CA 53). A Igreja na sua solicitude pela verdade, como a Mãe e Mestra, tende a promover o desenvolvimento integral do homem (CV 11). É necessário reconhecer o homem como tal ele é, na sua transcendência, na sua vocação à comunhão com Deus e os homens e na sua natureza para poder respeitá-lo e amá-lo devidamente. A cultura da vida que a Igreja Católica promove é fruto daquele humanismo integral qual toma o homem na sua totalidade. A família sendo o lugar mais natural e apropriado para promover esse humanismo cristão, a Igreja defende com unha e dente todas as formas de ataque que atinge as raízes da família. Pois, a família é lugar natural do homem. Salvaguardar a própria essência e a noção de pessoa humana é um *sine qua non* para assegurar a noção tradicional da família.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo principal deste trabalho foi evidenciar e apresentar sistematicamente a visão da Igreja sobre a pessoa humana ou em outras palavras o humanismo apresentado como tal no documento conciliar *Gaudium et Spes*. Para essa finalidade, o primeiro passo tomado foi analisar o termo 'humanismo' nos seus vertentes históricos de um modo filosófico. Após ter estabelecido o significado com o qual o referido termo será empregado nesse trabalho, apresentamos a visão teológica do *Gaudium et Spes* sobre o homem, comentando o próprio texto do documento e corroborando com vários documentos do magistério da Igreja. Toda doutrina da Igreja sobre o homem fundamenta na verdade de que o homem é criado à imagem e semelhança de Deus. GS vê essa *Imago Dei* encerrada no homem na sua natureza racional, na sua consciência, na sua liberdade e na sua sublime vocação à comunhão que é base da dignidade inestimável do homem. Um contemplar cristológico é o ponto culminante do humanismo do GS. Cristo é o homem perfeito; homem por excelência. Tudo foi criado por Ele e para Ele. O homem se torna verdadeiramente homem quando se configura a *Imago Christi*. O referencial 'Cristico' é a via traçado por GS e que tem cunhado o Pontificado do Papa João Paulo II. 'Contemplar o rosto de Cristo', era o convite que ele estendeu ao mundo no alvorecer do novo milênio. O humanismo cristão, assim como é delineado na Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* tende 'Cristificar' o homem e o mundo. É a chave para entender o GS. A transformação do mundo moderno acontece quando o homem se torna *imago Christi*. A Igreja dialoga com o mundo moderno, não para adaptar á ela, ao contrario para conformar o mundo e o homem moderno á Cristo. Conclui-se o trabalho respondendo à pergunta por que a Igreja promove um Humanismo. Toda moral da Igreja que promove uma 'cultura de vida' baseia-se no seu humanismo integral. '*Gloria Dei est Vivens Homo*'.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENTO XVI. *Carta Encíclica Caritas In Veritate*. São Paulo: Paulinas, 2009.

BENTO XVI. *Discurso do Papa Bento XVI A Cúria Romana na Apresentação dos Votos Natalícios*. 2012. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2012/december/documents/hf_ben-xvi_spe_20121221_auguricurria.html> Acesso em: 09/03/2015.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. Petrópolis, São Paulo: Vozes/Paulus/ Loyola/ Ave Maria, 1998.

COMISSAO TEOLOGICA INTERNACIONAL. *Comunhão e Serviço: A Pessoa humana Criada A Imagem de Deus*.2004. Disponível em: <http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/cti_documents/rc_con_cfait_h_doc_20040723_communion-stewardship_po.html> Acesso em: 15/05/2015.

CONCÍLIO VATICANO II. *Gaudium et Spes*. Constituição pastoral do Concílio Vaticano II sobre a Igreja no mundo de hoje. Petrópolis: Vozes, 1983.

JOÃO PAULO II. *Carta apostólica Mulieris Dignitatem* . São Paulo: Paulinas, 1988.

_____. *Carta Encíclica Centesimus Annus* . São Paulo: Loyola, 1991.

_____. *Carta Encíclica Laborem Exercens*. São Paulo: Loyola, 1981.

_____. *Carta Encíclica Redemptor Hominis*. São Paulo: Loyola, 1979.

_____. *Exortação apostólica Familiaris Consortio*. São Paulo: Loyola, 1982.

_____. *Gratissimas Sane. Carta as Famílias*. 1994. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/letters/1994/documents/hf_jp-ii LET_02021994_families.html> Acesso em: 10/02/2015.

MARITAIN, Jaques. *Humanismo Integral. Uma visão nova da ordem Cristã*. 1. ed. São Paulo: Nacional, 1941.

NOGARE, Pedro, D. *Humanismos e Anti-humanismos*. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 1985.

PAULO VI. *Carta Encíclica Populorum progressio*. São Paulo: Paulinas, 1967.

_____. *Carta Encíclica Humanae Vitae*. São Paulo: Paulinas, 1968.

_____. Discurso do Papa Paulo VI na Sede da O.N.U. 1965. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/speeches/1965/documents/hf_p-vi_spe_19651004_united-nations.html> Acesso em: 10/04/2015.

PFEIL, Hans. *O Humanismo Ateu na Atualidade*. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 1962.

PONTIFÍCIO CONSELHO JUSTIÇA E PAZ. *Compendio da Doutrina social da Igreja*. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2005.

RAHNER, Karl. *Curso Fundamental da Fé*. São Paulo: Paulinas, 1989.